



Xô Mosquito! A Biblioteca Escolar a serviço do combate ao Aedes Aegypti

Érica M^a Silva Montenegro de Mélo

Escola Municipal do Coque/ Faculdade dos Guararapes
emontemelo@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência realizada numa escola municipal do Recife, entre os meses de Fevereiro e Março/ 2016. As atividades atingiram cerca de 570 crianças, do 1º ao 3º ano de um grande bairro da periferia do Recife. Entre as ações descritas, foram realizadas exposições de vídeos, pesquisas sobre o mosquito e construção de poemas, dentre outras. O trabalho com esta temática foi parte da lista proposta pela secretaria de educação, dentro do projeto do ano letivo em questão “Educação e protagonismo: estudantes pesquisadores e atores ativos na construção do saber”. Para fomentar o trabalho com a temática em questão, foram sugeridos onze temas, dentre os quais, “Conscientizar para eliminar” e foi através desta temática que foram pensadas ações em torno do combate ao Aedes Aegypti a partir da compreensão de seu ciclo de vida e da história sobre sua chegada ao Brasil. O impacto desta ação se mede especialmente pelos relatos das crianças, em relação às muitas formas de atacar o mosquito e exterminá-lo. O mais importante foi perceber que este trabalho foi além da questão da conscientização das crianças, especialmente por termos acompanhado um grande número de relatos de cuidados tomados pelos estudantes, na comunidade, a partir do trabalho realizado na biblioteca escolar e continuado nas salas, com as professoras.

Palavras-Chave: Aedes Aegypti, Biblioteca Escolar, Ensino de Ciências, Leitura, Saúde.

Introdução

Desde muito cedo as crianças interagem com o mundo da leitura e ao adentrar na escola elas mergulham no famoso universo letrado, como aponta Soares (1998). Desse modo, a escola é um lugar potencialmente importante, no qual a interação com materiais escritos, a convivência com sujeitos semelhantes e a mediação dos professores se tornam elementos importantes para a entrada da criança nesse mundo. Quando trazemos a leitura, colocamos em questão também as atividades concernentes à sua realização no espaço escolar, uma vez que raramente a leitura aparece sozinha no cotidiano das crianças.

Nessa perspectiva, o desafio de pensar o trabalho da biblioteca escolar torna-se urgente em nosso contexto educacional, sobretudo quando recorremos a esse recurso para construir competências para a vida real que acontece fora da escola. Assim, tratamos da leitura do aluno, expectador cotidiano que se divide entre a monotonia da leitura silenciosa e o encantamento com o espetáculo da leitura teatralizada, misturada às músicas e diversidade de recursos utilizados para a apresentação da leitura. É hora



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

também de pensar no professor leitor, nas implicações de se ler para uma criança ou para muitas delas, quando reunidas no espaço escolar.

Ao unirmos as possibilidades de leitura e a necessidade de discutir questões ligadas à realidade das crianças, acabamos por perceber que não é suficiente escolher um livro e ler, mas é imprescindível planejar bem as atividades que encorpam a leitura no espaço escolar. E foi por este motivo que a escola em questão realizou uma sequência de atividades em torno da leitura, a fim de qualificar as ações de combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, a partir do projeto “*Conscientizar para eliminar*”. As ações abrangeram cerca de três semanas, sendo realizadas atividades diferenciadas, desde a leitura de um livro de literatura infanto juvenil, exibição de vídeos e construção de jogos de perguntas e respostas, tudo com o objetivo de inserir as crianças nas campanhas de combate ao mosquito. Portanto, as ações desse projeto pretendiam fomentar nas crianças o desejo de conhecer o máximo possível sobre o mosquito para que pudessem atuar como agentes de transformação em sua comunidade, eliminando os criadouros e evitando a sua proliferação. Além disso, tínhamos como objetivo a produção de textos que pudessem circular pela comunidade, em forma de desenho ou escrita, para cumprir a função social que liga a escola e a comunidade através das produções das crianças.

Para a realização das atividades, foi muito importante a participação dos professores que incluíram em seu planejamento ações ligadas ao *Aedes Aegypti*, bem como às muitas doenças por ele provocadas. Para tanto, separamos material de apoio para que os docentes pudessem enriquecer suas aulas e continuar as atividades iniciadas na biblioteca.

É aí que percebemos a importância do funcionamento da biblioteca escolar como espaço de imersão da criança no mundo literário, nas práticas sociais de leitura e mesmo de escrita, no universo do imaginário e no do faz de conta, já que esse campo permeia toda a infância.

A partir da biblioteca como porta que se abre para o mundo, as crianças foram participando das atividades e retomando-as com seus professores em sala de aula. Nessa perspectiva, as contribuições da biblioteca escolar são destacadas no primeiro ponto, seguidas pela importância do trabalho com atividades diversificadas no ambiente escolar e culminando com o relato em que detalhamos as atividades realizadas.

Em 2009 o Censo detectou que há bibliotecas em apenas 52% das escolas de ensino fundamental. Lino, Oliveira e Lima (2016) destacam que essa lei é, por esse motivo, “um avanço no que diz respeito à garantia do acesso de crianças a diferentes fontes de leitura, mas, outros aspectos como a qualidade e diversidade do acervo disponível, sua organização, o espaço físico da biblioteca e as práticas pedagógicas que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

nela acontecem também são fatores fundamentais” (p.2). Ainda conforme Lino, Oliveira e Lima (*Ibid.* p.7):

Em 2005, a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e Instituições (INFLA), juntamente à UNESCO, criaram um documento que definiu as diretrizes para as bibliotecas escolares de todo o mundo, a fim de melhorarem as atividades nelas executadas. Este documento apresenta um tópico criado para a função cultural que a biblioteca pode exercer, como sendo um ambiente esteticamente estimulante, no qual os alunos possam criar, e vivenciar diversas experiências construtivas.

Essa função de Biblioteca escolar com propósitos bem definidos foi apontada também por Lourenço Filho:

Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto. Começa a compreensão destas ideias, felizmente, a vigorar entre nós. Certas bibliotecas escolares se modernizam, e passam a funcionar de forma menos ineficiente. Outras ensaiam orientar os leitores, sugerir-lhes trabalhos, proporcionar-lhes melhores recursos de organização. (LOURENÇO FILHO, 1946, p. 4 *apud* CAMPELLO, 2012)

A forma como esse contato entre os sujeitos e a organização da biblioteca são pensados, são essenciais para que as atividades do cotidiano possam se tornar produtivas.

NA SALA E NA BIBLIOTECA: AS DIVERSAS FORMAS DE LER

A questão da leitura na escola não é relativa apenas à quantidade e intensidade de acesso aos textos, pois conforme diz Solé (1998), essa problemática não se situa apenas na metodologia adotada pelos professores, mas, sobretudo, nas suas concepções sobre a leitura. Assim, o fazer pedagógico da leitura enquanto conteúdo que precisa ser ensinado deve transcender a ideia de que, dominadas as convenções da língua, forma-se o leitor, ou seja, ler é mais que apenas reconhecer os sons que as letras ecoam, ler é, sobretudo, a entrada no universo literário que provoca essa transcendência de que fala Solé (*ibid.*).

Trabalhar com a diversidade é algo que o professor vem aprendendo a fazer e, no que tange à formação de leitores, o professor precisa incorporar à rotina da sala de aula atividades que contemplem desde a vivência de atividades com a diversidade de gêneros e tipologias textuais a serem lidas como também atrelar a esse trabalho a ideia de impulsionar a leitura



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

como prática cotidiana, atendendo aos mais diversos fins.

Tudo isso é revelador do quanto a leitura se configura como importante ação para a reflexão acerca das questões que circundam o ambiente escolar. Foi através da leitura que partimos rumo às ações sobre o mosquito, pois os livros de literatura infanto juvenil se constituem como importantes formas de comunicar à criança um determinado saber, sobre determinada área. Piassi e Araújo (2012) dizem que “[...] estudar aspectos ambientais não significa restringir-se a conceitos biológicos, mas abrir a possibilidade de abordar uma grande diversidade de questões” (p. 15).

Em outras palavras, os aspectos ambientais podem ser trabalhados a partir dos livros infantis porque ultrapassam a ideia do conceito, do conteúdo propriamente dito, mas chegam ao ponto nevrálgico da vida do estudante, que é a sua vida cotidiana.

Lerner (2008, p. 17) nos adverte para a necessidade de “fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que precisam resolver”. Assim, com o fortalecimento do trabalho de ler e escrever a partir dos gêneros textuais, a leitura tomou forma e conteúdo diferenciados. A leitura de cada gênero cria sentidos distintos, em detrimento da relação texto/ leitor e serve a propósitos diferenciados, dentro da esfera de circulação social de cada gênero. Foi partindo dessa afirmação que construímos com as crianças um poema em cordel sobre o *Aedes Aegypti* e suas mais diversas formas de prejudicar a saúde das pessoas. E essa atividade foi um sucesso!

Nesse sentido, a leitura é um capítulo à parte. Ela se torna um objeto de ensino na sala de aula e, portanto, da Biblioteca Escolar, uma vez que esse espaço precisa estar atrelado às rotinas de leitura estabelecidas pelos professores a fim de complementá-las e mesmo de apresentar outras formas de fazê-la.

Vargas (2008) nos adverte para a necessidade de incluir a biblioteca no cotidiano da escola, não apenas para o trabalho com a leitura, mas para o desenvolvimento de outras questões. Nesse sentido, comunga com as três funções da biblioteca, estabelecidas por Campello (2012), que é a de formar leitores, prepara-los para os aspectos informacionais e culturais. E com esse projeto pudemos experimentar em diversos momentos o quanto as crianças se utilizaram do espaço da biblioteca e de seu acervo para construir conhecimentos a partir da mediação dos professores de sala de aula e da biblioteca.

Para Riter (2009), a escola relega à sociedade, quando era da família também, o papel de formar leitores, portanto, seja nas atividades propostas nas bibliotecas ou nas salas de aula, as crianças precisam de alguém que lhes conduza nesse caminho. Isso é bem importante, porque não é apenas o convite para a leitura esvaziada de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

um livro para preencher uma ficha, tampouco para lhes chamar a sentar num tapete, para ouvir alguém ler meia dúzia de histórias para passar o tempo, sem nenhum planejamento ou organização da atividade. Como Riter (Ibid. p. 57) nos adverte, “os alunos necessitam de alguém que mostre a eles caminhos de leitura, indique títulos, revele o prazer que as palavras possuem e todo o universo que as páginas de um livro esconde”.

Entre as diversas atribuições dos professores de Biblioteca, a mais importante é, certamente, a de ensinar às crianças esses passos no mundo da leitura. Nessa perspectiva, o desafio de pensar nas formas de ensinar a leitura torna-se urgente em nosso contexto educacional. Não apenas a leitura do aluno, mero expectador cotidiano que se divide entre a monotonia da leitura silenciosa e o encantamento com o espetáculo da leitura teatralizada, misturada às músicas e diversidade de recursos utilizados para a apresentação literária.

Como disse Lerner (2008, p. 27), “o desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam ‘decifrar’ o sistema de escrita”. É por esse motivo que as concepções de linguagem, sobretudo, de leitura, do professor e as formas que ele escolhe podem interferir nessa formação de leitores. Desse modo, nada mais justo que cuidar em observar suas práticas, suas estratégias de trabalho com a leitura de cordéis para compreender de que modo elas podem formar, transformar ou “deformar” leitores.

Atividades como ler para alguém, contar histórias, apresentar o universo literário para as crianças é tão importante sob o ponto de vista da linguagem, que vem se tornando objeto de estudo de vários profissionais, bem como vem sofrendo os efeitos das modificações tecnológicas, próprias do avanço da cultura letrada e de uma tecnologia que vem modificando toda a sociedade contemporânea.

Assim, contar e ouvir histórias tem se tornado uma prática bastante valorizada, não somente para os profissionais que tem se especializado nesse tipo de atividade, mas, sobretudo, para os professores e pais de crianças ávidas pelas histórias. Sobre o trabalho com o despertar do gosto pela sua leitura como algo que vai partir da figura do educador, concordamos com Bamberger (apud PINHEIRO, 2007, p. 25):

Está claro que a personalidade do professor e particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce.

No entanto, não é só nas mãos do professor, seja de biblioteca, seja da sala de aula, que se põe toda a responsabilidade sobre a formação de leitores. É preciso se conquistar



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

também a própria comunidade escolar e todos os seus segmentos.

Quando se tem uma escola leitora, a biblioteca passar a ser o coração dessa instituição, porque todos os projetos podem partir dela ou contar com esse espaço para se concretizarem. Além do mais, a leitura é a grande impulsionadora das mudanças de aprendizagem e mesmo de comportamento dos estudantes.

Como disse Lerner (2008, p. 27), “o desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam ‘decifrar’ o sistema de escrita”. É por esse motivo que as concepções de linguagem, sobretudo, de leitura, do professor da biblioteca e as formas que ele escolhe podem interferir nessa formação de leitores. Desse modo, nada mais justo que cuidar em observar suas práticas, suas estratégias de trabalho com a leitura de cordéis para compreender de que modo elas podem formar, transformar ou “deformar” leitores. Então, se falamos sobre a importância das concepções de leitura, há que se fala também do acervo, da importância de conhecer as obras e de ter critérios de escolha bem definidos.

O professor de biblioteca é aquele que vai caminhar na direção da conquista, por esse motivo é imprescindível que conheça suas atribuições, que planeje os momentos com as crianças considerando não só a construção das competências para formar leitores, uso dos recursos informacionais ou acesso as meios culturais, mas também a importância de apresentar o universo literário de forma diferenciada, potencializando o gostar e a formação do hábito de ler.

Segundo Andrade (2008) há muitas alternativas para fazer da biblioteca escolar um espaço vivo, no qual a aprendizagem das crianças os transforma em partícipes das mais diversas situações. Portanto, a biblioteca escolar, necessita ser vista como um espaço de aprendizagem.

Para instrumentalizar um trabalho dessa natureza, os professores de biblioteca, que não são bibliotecários, precisam planejar práticas que deem conta dessa formação, considerando ainda a necessidade de uma rotina para os aspectos burocráticos como tombamento, catalogação e organização cotidiana do acervo. Ainda há que se pensar no apoio aos professores, localização de materiais, distribuição das produções em murais e mesmo a produção de cenários, personagens e toda a gama de detalhes para a montagem de um evento de contação de histórias.

Com todas as possibilidades oferecidas pela tecnologia, o acesso aos livros e aos mais diversos materiais, a biblioteca passa a ser considerada um espaço privilegiado para mudar a vida dos estudantes através da leitura, uma vez



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que podem ampliar seus horizontes e começar a trilhar caminhos diversos a partir do que leem ou escutam. E nesse projeto pudemos perceber o quanto a valorização do acervo e também dos outros recursos trazidos pelos professores fizeram a diferença no sucesso do projeto.

Metodologia

As atividades concernentes a este relato começaram quando recebemos da secretaria de educação uma lista com onze temáticas para serem trabalhadas com as crianças ao longo do ano de 2016. Uma delas, “*Conscientizar para eliminar*”, abre a listagem em função da grande epidemia de doenças causadas pelo mosquito *Aedes Aegypti*, que acometeu o país nos últimos dois anos, especialmente o estado de Pernambuco.

Assim, logo no início das aulas recebemos a visita de uma educadora do Distrito Sanitário, que nos trouxe o vídeo *A dengue em nossa história*¹, para que pudéssemos exibir para as crianças de toda a escola. Com cerca de 570 alunos, essa era uma tarefa um tanto quanto fácil, se considerássemos apenas a ideia de que bastava ligar um aparelho de projeção em cada sala ou mesmo reuni-los no pátio para a apreciação deste vídeo que tem cerca de oito minutos. Ela reuniu algumas turmas na biblioteca e fez a exibição para garantir que a escola fosse contemplada com essa ação².

Mas para nossa escola, tarefa dada é tarefa bem planejada, então começamos a nos articular para transformar isso num projeto. E foi assim que nasceram as atividades integradas ao tema sugerido pela secretaria de educação.

Começamos pela organização de um horário para aquela semana em que as crianças e professores pudessem vir à biblioteca, para ver o vídeo. Após a exibição, era realizada uma escuta das crianças, momento em que suas falas eram registradas em um cartaz através de palavras que iam compondo a conversa. As crianças foram para as salas onde os professores continuaram uma sequência de atividades diversas sobre a temática, atrelando-a ao currículo vigente.

Na semana seguinte cada turma voltou à biblioteca. As crianças recebiam um poema³ que foi lido coletivamente e depois cantado. Retomamos as palavras destacadas no cartaz e discutimos nossas possibilidades de atuação para acabar com o mosquito na comunidade. Sobre cartolinas coladas no quadro, fomos escrevendo um poema em cordel para ser exposto

¹ Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=mZzZnDM78RI> Acesso em 21/02/2016.

² Registro fotográfico da própria escola.

³ Imagem encontrada na Internet. Disponível em: <http://misturadealegria.blogspot.com.br/2013/04/atividades-sobre-dengue.html> Acesso em 09/02/2016.
(83) 3322.3222



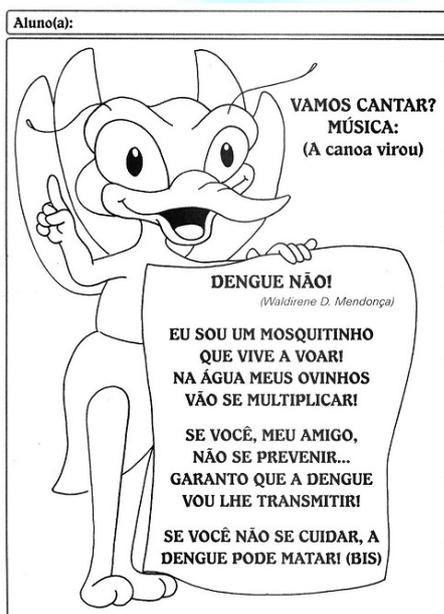
III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

na entrada da escola. As crianças contribuíam com as informações resgatadas do cartaz e da atividade anterior e a professora da Biblioteca (turno da manhã) ia arrumando o texto para que métrica e rima se combinassem num pequeno poema. A construção da estrofe seguinte se dava após a leitura do poema já construído.

E foi assim que nasceu o Cordel da Dengue, construído e nomeado pelas crianças!

Num terceiro momento, as crianças receberam cópia do poema e fizeram a leitura nas salas com os professores. No turno da tarde, o projeto seguiu os mesmos passos, com exceção da produção do poema, no qual as crianças participaram com leitura e até mesmo colocando uma melodia para que ele fosse cantado.



Schall (2010) diz que “em se tratando de saúde, o processo de construção de conhecimento permite problematizar questões socioeconômicas e culturais, bem como discutir e refletir sobre ciência e sociedade” (p. 180). Por esse motivo, a escuta das crianças e depois a sua participação em cada uma das etapas desse projeto foi tão importante. E foi nesse movimento de ensinar e aprender juntos que a nossa escola se envolveu nas discussões sobre uma temática tão cara ao contexto social que estamos vivendo.

Considerações Finais

Ao olharmos para a comunidade no entorno da escola fica evidente o impacto que as práticas pedagógicas geram nesse ambiente, uma vez que atuamos junto a um número bastante representativo de crianças entre seis e dez anos de idade. Somos uma escola alfabetizadora, preocupada com as práticas

CORDEL DA DENGUE

(CONSTRUÍDO EM PARECERIA COM ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DO COQUE)

PARECE UMA MURIÇOCA
ESSE MOSQUITO DANADO
SÓ QUE ELE É MENORZINHO
DE BRANCO, TODO PINTADO

GOSTA DE TER SANGUE NOVO
PRA PODER SE ALIMENTAR
SÓ USANDO REPELENTE
ELE VAI SE AFASTAR

O MOSQUITO PERIGOSO
QUANDO DÁ SUA PICADA
DÁ COCEIRA E CANSEIRA
E UMA FEBRE DANADA

PNEUS VELHOS E GARRAFAS
ÁGUA PODEM ACUMULAR
SE DEIXAR ÁGUA PARADA
O MOSQUITO VAI POUSAR

TODOS DENTRO DE SUAS CASAS
VÃO PODER NOS AJUDAR
CUIDANDO BEM DO SEU LIXO
PRO MOSQUITO ESPANTAR

E AQUI NA NOSSA ESCOLA
MUITAS COISAS NÓS FIZEMOS
TEVE VÍDEO E PANFLETOS
E UM LIVRO BOM NÓS LEMOS

ENTÃO ASSIM APRENDEMOS
COMO O MOSQUITO ESPANTAR
ESTAMOS NESTA MISSÃO
PRO MOSQUITO EXTERMINAR



sociais de leitura e escrita e com toda a gama de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

competências que nossas crianças precisam ter para atuar em sociedade.

Nesse sentido, este trabalho veio a contribuir com o desenvolvimento das crianças e, sobretudo, com os aspectos ligados à saúde e qualidade de vida. Destacamos a importância do trabalho da escola dentro da comunidade, mas de fato o que nos importa é a certeza de que as crianças podem ser multiplicadoras em suas famílias, de todas as discussões tecidas no cotidiano das salas de aula e na biblioteca.

Sobre as vivências pedagógicas e literárias na biblioteca e nas salas de aula, enfatizamos que esses espaços se constituem como ambientes privilegiados pela forma como as crianças podem manter neles uma relação de trocas que extrapolam as questões físicas, pelo acesso facilitado aos materiais de qualidade. Entendemos, pois, que aprender as formas de se combater o *Aedes Aegypti* através das mais diversas linguagens é a forma mais segura de se garantir que mesmo enquanto crianças elas podem contribuir para a ampliação dos aspectos ligados à saúde da comunidade, sobretudo se pensamos que esse espaço é de todos e que, por isso mesmo, precisa ser olhado com carinho por todos os seus membros. Esperamos ter plantado a semente do cuidado com a casa, com a comunidade, mas da forma como vivenciamos as atividades, que tenhamos mostrado às crianças que o dever de um é gerador do bem de todos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. **A biblioteca faz a diferença**. In: CAMPELLO, Bernadete. et. al. *A biblioteca escolar: Temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPELLO, Bernadete. **A função educativa da biblioteca escolar no Brasil**: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: *Anais do ENAN - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 2003, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/ENAN054.pdf> Acesso em 07/06/2016.

_____. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, [2002] 2008.

LINO, Lis de Gusmão; OLIVEIRA, Mônica de Moraes; LIMA, Juliana de Melo. **O que dizem as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à biblioteca escolar**. Trabalho de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Educação. Curso de Pedagogia. Recife, 2016.

PIASSI, Luis Paulo; ARAÚJO, Paula Teixeira. **A literatura infantil no ensino de Ciências: propostas didáticas para os anos iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: SM, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

SHALL, Virginia Torres. Saúde & Cidadania: entrelaçando textos didáticos, paradidáticos e literários. In: PAVÃO, Antônio Carlos (Org.). **Ciências: Ensino Fundamental** – Coleção Explorando o Ensino. Brasília: MEC, SEB, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

VARGAS, Maria do Carmo de Oliveira. **Incluir a Biblioteca na vida escolar**. Língua e Literatura. Mundo Jovem: Um jornal de Ideias. PUC. Porto Alegre, RS: Agosto/ 2008, p.8.